

ESPAÇO ACADÊMICO

REVISTA INFORMATIVA - Faculdade Católica Rainha da Paz - Araputanga - MT

ISSN 2176-1922

Ano XV - Nº29 - SET 2019



T
E
C
N
O
L
O
G
I
A

C
R
I
A
T
I
V
I
D
A
D
E

INOVAÇÃO

EXPEDIENTE

REVISTA INFORMATIVA ESPAÇO ACADÊMICO

Nº 29 ANO XV - SET 2019
ISSN 2176-1922

CONSELHO EDITORIAL

Ma. Marilza Larranhagas da Cruz
Coordenação e Supervisão

Me. Jefferson Antonione Rodrigues
Coordenação Editorial geral

Ma. Edna Soares da Silva
Vice-Coordenação Geral

Ma. Cleusa Bernadete L. Mamedes
Editoria Científica

Esp. Rafael Oliveira Andrade
Editoria Técnica, Capa e Projeto Gráfico

Antonio Marcos Ferreira Rolon
Jornalista Responsável

SUBCONSELHO EDITORIAL DE CURSOS

Administração, Agronegócio e Ciências Contábeis:
Ma. Cristiane Otilia Colossi Bernhardt
Ma. Marisa Brito Aguiar

Direito:

Ma. Mailsa Silva de Jesus
Me. Jefferson Antonione Rodrigues

Educação Física:

Me. Gedson Cardoso Kempe

Gestão de Tecnologia da Informação:

Esp. Waldemar Rosa Pereira

Pedagogia:

Ma. Cleusa Bernadete Larranhagas Mamedes
Ma. Elaine Regina Franco Magro

Tecnologia em Segurança do Trabalho:

Me. Jefferson Antonione Rodrigues



 (65) 3261-1314/ (65) 99908-9872 /99281-0726

 Avenida 23 de Maio, 02, Centro, Araputanga-MT

Caro Leitor!

Esta edição tem como tema central: “Tecnologia , inovação e criatividade”. Um tema atualíssimo e pertinente à nossa vida.

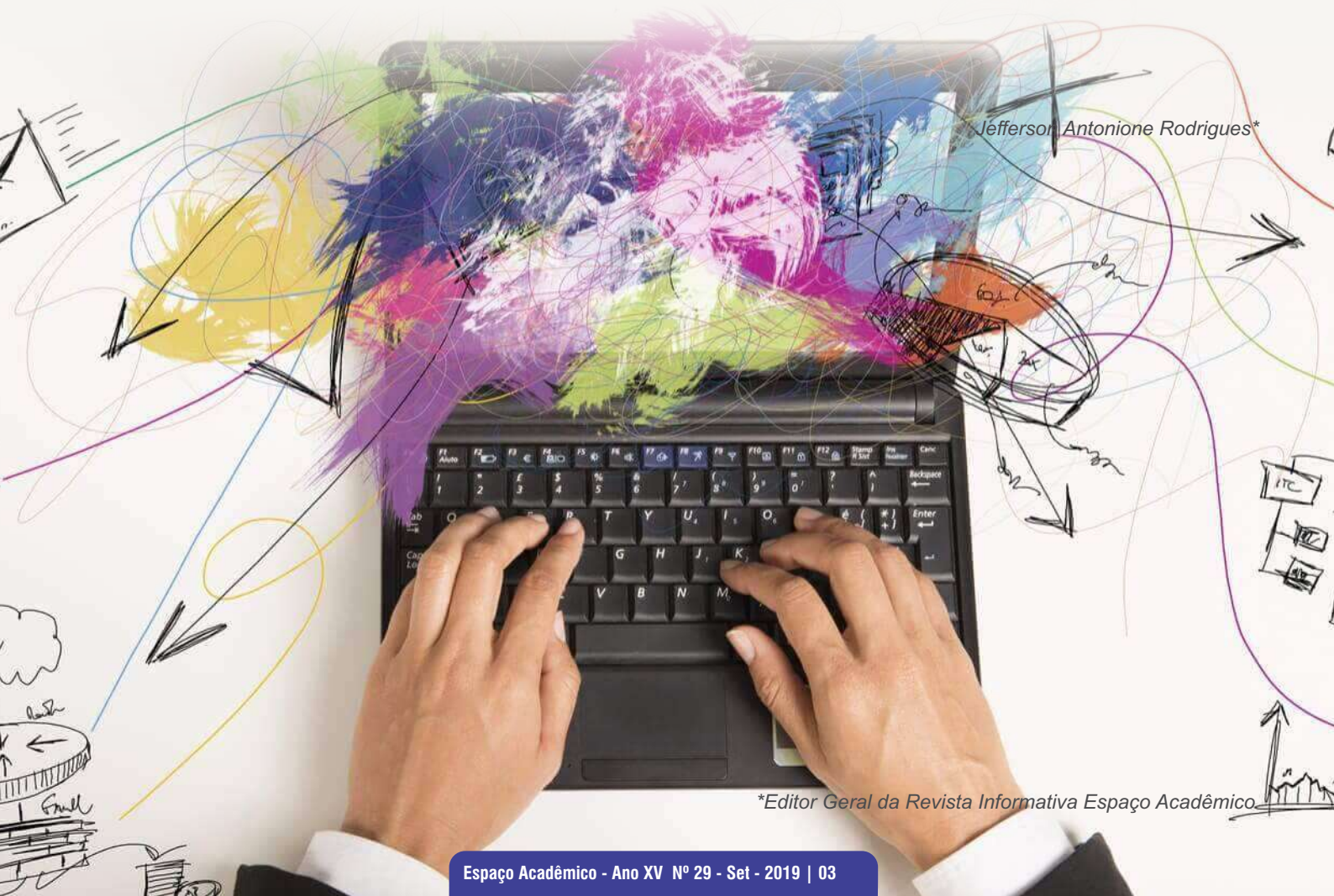
Pode-se citar inúmeros nomes de “gênios” do mundo da tecnologia, inovação e criatividade. Particularmente, admiro Steve Jobs. Cito, de Steve Jobs, uma frase que vem ao encontro do tema proposto nesta edição. A frase é esta: “Criatividade é a arte de conectar ideias.” Se é verdade que as “ideias movem o mundo”, como aprendemos na filosofia, pode-se afirmar que a criatividade é o “fio” conector das ideias, que por sua vez, contribuem, desenvolvem e dinamizam o mundo da tecnologia. Consequentemente, atinge diretamente nossas vidas. Por isso, pode-se afirmar que a criatividade é a capacidade de inventar, criar ou produzir novidades.

Certamente, você já deve ter reparado que a produção e o consumo no mundo atual, passa pela criatividade de alguém, que resultou em tecnologia e inovação. Digo a você, não tenha medo de ser criativo e arriscar-se. A pessoa criativa vai longe, voa nas alturas, assume riscos, reconhece os erros, não tem medo de mudar e é totalmente adaptável às novas situações.

Nesta edição, você terá a oportunidade de fazer um “maravilhoso passeio”, por assuntos relevantes e atuais, sobretudo, no que toca à tecnologia, inovação e criatividade. Desejo a você uma boa leitura e, oxalá, possa, por meio desta edição, despertar ideias inovadoras e criativas em você. Inove! Compartilhe! Arrisque-se! Avante!

Deus te abençoe, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém

Padre Celso Ferreira de Jesus
Coordenador da Pastoral Universitária/ FCARP



Jefferson Antonione Rodrigues*

*Editor Geral da Revista Informativa Espaço Acadêmico

TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

Jefferson Antonione Rodrigues*

É com alegria que apresentamos a 29ª Edição de Revista Informativa Espaço Acadêmico, uma extensão das construções e desconstruções empírico-cognitivas que, ao correlacionar as atividades da nossa instituição de ensino superior, comemora os seus 20 anos, junto à sociedade acadêmica e internacional.

Esta edição tem um significado muito especial frente às interlocuções propostas pelos autores que buscaram desenvolver a temática “Tecnologia, Inovação e Criatividade” em cada um dos cursos que FCARP oferece. São ofertados por nossas IES os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Engenharia de Produção, Gestão de Agronegócio, Gestão de Tecnologia da Informação, Pedagogia e Tecnologia em Segurança do Trabalho.

O processo evolutivo e histórico da tecnologia tem sido uma mola propulsora da inovação que, aliado ao espírito da criatividade, perspicácia, rigorosidade e objetividade do ser humano, formam um cenário que favorece a capacidade do homem de produzir, aliada a busca por vantagens competitivas.

Assim, temos que criatividade e inovação são as maiores riquezas do momento, o que impulsiona a alma da criatividade diante das relações econômicas que almejam a criatividade inovadora das instituições; não só nas instituições de ensino superior, mas de todas as estruturas sociais, afinal, a criatividade tornou-se a alma da sociedade.

Assim, esperamos que a leitura desta edição seja um interessante percurso de motivação à novas pesquisas e busca por fontes de formação e informação frente às novas proposições de tecnologia, inovação e criatividade.

*Editor Geral da Revista Informativa Espaço Acadêmico

DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS E ALGUNS TIPOS DE ANÁLISES

Marisa Brito Aguiar*
Cristiane Otilia Colossi Bernhardt**



A análise realizada com base nas Demonstrações Contábeis tem como característica a ser destacada a Temporalidade, cuja finalidade é mapear ou acompanhar a evolução de determinado elemento patrimonial ou do resultado da empresa em determinado período de tempo e a Comparabilidade, analisada com o intuito de estabelecer comparações entre os índices apresentados pela empresa via dados históricos, orçamentos e outras informações semelhantes visando eliminar o juízo de valor (LUNELLI, 2012).

Os processos de análise são técnicas materializadas por procedimentos e cálculos, em que os analistas se utilizam de papéis de trabalho para desenvolver os diversos tipos de análises. Tratando-se de estrutura calcula-se a Análise Vertical, que é apropriada para analisar a composição de um grupo ou subgrupo contendo determinados elementos patrimoniais ou de resultado, em determinado período. Também verifica-se a participação percentual de cada elemento em relação ao todo, ou seja, a contribuição percentual dos estoques em relação ao ativo total ou ao grupo do circulante, ou do lucro operacional bruto em comparação com as vendas líquidas (KROENK e HEIN, 2016).

Quando o objetivo é monitorar a evolução “adota-se a análise horizontal, análise de evolução ou de crescimento. Esse processo é desenvolvido com a finalidade de calcular a variação de um ou mais elementos em determinados períodos” (KROENK e HEIN, 2016). Dessa forma se busca estabelecer tendências, verificar o crescimento real ou não desse elemento. No caso, se as vendas do exercício cresceram em termos reais, e qual o percentual em relação ao ano anterior.

A análise por quociente é outra técnica que representa o processo implementado para calcular a relação numérica entre dois elementos patrimoniais ou de resultado (KROENKE; HEIN, 2016). Nesse caso, identificar a representatividade do valor do ativo circulante em relação ao

valor do passivo circulante do mesmo período. Os métodos de análise são as formas de decompor ou calcular os resultados dentro dos processos de análise, por isso, permitem avaliações parciais e globais sobre o patrimônio e seus resultados e tendências, tais como:

- Valores diretos - método das diferenças absolutas, sem se preocupar com eventuais variações decorrentes de índices inflacionários;
- Valores percentuais - método dos coeficientes, encontrados mediante a divisão do percentual encontrado por 100 (cem);
- Quocientes - método dos índices financeiros, que demonstra a relação numérica entre dois elementos;
- Matricial - método pelo qual se busca estabelecer uma correspondência ou vinculação entre os elementos ativos, ou seja, aplicações de recursos; com os elementos passivos, no caso, origens de recursos. Exemplo, medir até quanto os recursos próprios (patrimônio líquido) financiam as aplicações no ativo não circulante, ou quanto do exigível a curto prazo está investido em valores circulantes do ativo da empresa.

Ao longo do trabalho do analista devem ser adotados vários instrumentos de análise, todos visando a interpretação e a formulação de conclusões relativas aos diversos aspectos que envolvem a situação geral da empresa. Dentre eles, o aspecto estático, que compreende o estudo da situação da empresa em determinado momento, sem se preocupar com o passado ou com o futuro. O aspecto dinâmico, se preocupa com a evolução da empresa e do ritmo dos seus negócios, em comparação com os resultados atuais com os dos anos anteriores (REIS, 2009, p. 194).

Professora da FCARP*
Coordenadora dos Cursos de Administração,
Ciências Contábeis e Agronegócio da FCARP**



NORMAS INTERNACIONAIS E SUA HARMONIZAÇÃO

Cristiane Otília Colossi Bernhardt*
Marisa Brito Aguiar**

Niyama e Rodrigues (2010) pesquisaram sobre o surgimento das normas internacionais de contabilidade e evidenciaram a finalidade da harmonização mediante os padrões contábeis, momento em que foi necessária a criação dos comitês internacionais. Os comitês são responsáveis por fazer jus às necessidades internacionais e, conseqüentemente, a internacionalização das normas, como forma de facilitar o registro e a comparação dos dados na geração das informações. Assim, no ano de 1973, com a ajuda de contadores de vários países, como: Alemanha, Austrália, Canadá, Estados Unidos da América, França, Irlanda, Japão, México, Países baixos e Reino Unido, surgiu o *International Accounting Standards Committee – IASC* (IFRS, 2014).

As normas internacionais de contabilidade recebiam o nome de *IAS* (*International Accounting Standards*) e, atualmente, são conhecidas como *IFRS* (*International Financial Reporting Standards*). Emitidas pelo *IASB*, essas normas são pronunciamentos baseados em princípios e não em regras específicas (IFRS, 2008). O ideal da classe contábil é alcançar maior confiabilidade e transparência diante dos usuários, desenvolvendo informações fidedignas e seguras, o que explica a harmonização das normas de Contabilidade terem se tornado assunto de grande interesse para os estudiosos (MARION; IUDÍCIBUS, 2006).

Para maior veracidade as normas buscam internacionalizar e divulgar as informações contábeis confiáveis para credibilizar as demonstrações de instituições no âmbito nacional em relação às suas matrizes e filiais no exterior (MARION; IUDÍCIBUS, 2010). O entendimento sobre as extensões da internacionalidade da Contabilidade é essencial para todos que desejam negociar por fronteiras nacionais e internacionais, fator que fortalece as buscas por captação de investimentos estrangeiros e demanda a utilização de normas e procedimentos contábeis. Então, esse fato reforça a ideia de buscar a harmonização de normas contábeis,

para que dessa forma as demonstrações financeiras sejam adequadamente avaliadas também no exterior (BARBOSA; DIAS; PINHEIRO, 2009).

Nesse contexto, observada a importância dos fatos mencionados, evidencia-se um cenário oportuno para o direcionamento das pesquisas sobre harmonização contábil internacional e para saber como as pesquisas poderão desenvolver-se a partir desses acontecimentos (BAKER; BARBU, 2007). Percebe-se que tais fatores promovem a ampliação do objetivo geral da contabilidade internacional em relação às informações aos usuários internos e externos da entidade, mas também em função do processo de globalização que exige cada vez mais informações precisas.

Após alteração da Lei nº 6.404/76 que rege a contabilidade, através da implantação da *International Financial Reporting Standards* (IFRS) para Lei nº 11.638/2007, o uso das normas internacionais passou a ser obrigatório nas sociedades anônimas a partir de 2010. Na visão de Silva et al. (2012) as regulamentações contribuíram na harmonização da contabilidade e na estrutura conceitual internacional. Dessa forma, buscou-se minimizar conflitos com intuito de facilitar a comparabilidade financeira de diferentes países.

O processo de gestão estratégica nas empresas tem evoluído em decorrência do acirramento da competitividade e da conjuntura mercadológica. Na visão de Lunelli (2012) cada empresa tem suas características e peculiaridades, fatores que o analista deve considerar de modo cauteloso. Dentre as características e formalidades destacam-se: natureza jurídica, ramo de atividade, dimensão e alcance da empresa, condições de giro do negócio, processo de formação do resultado, legislação, conjuntura econômica, localização, entre outros, que ainda carecem de adequação ao tipo de análise contábil.

Coordenadora dos Cursos de Administração,
Ciências Contábeis e Agronegócio da FCARP*
Professora da FCARP**



A TECNOLOGIA E A MULTIPLICIDADE NO ÂMBITO JURÍDICO

Antonio Marcos Corrêa de Miranda Neto*

Eliana Ferreira dos Santos*

Taline Stephen Campos*

Jefferson Antonione Rodrigues**

É nítida a correlação da tecnologia com o Direito, principalmente, ao vislumbrarmos a influência social que aquela exerce, em especial, na automatização presente no meio jurídico. O Direito tem ampliado seus horizontes em razão do acesso e desenvolvimento tecnológico, tornando-se mais palpável às pessoas pela gama de informações difundidas, o que permite afirmar que o jurista faz o Direito segundo uma pesquisa livre, realizada conforme a interpretação pessoal, mas não ras tecorre apenas às tradições, mas também é amparado pela tecnologia.

Neste contexto, o Direito e sua interpretação são frutos de uma sociedade em que a convivência baseia-se no consumismo, que por sua vez gera conflitos de grande proporção por força da tecnologia; por outro lado, percebe-se que a mesma tecnologia aproxima os sujeitos e cria relações jurídicas processuais, sejam elas consensuais – relações comuns de consumo - ou litigiosas – processos judiciais dispendiosos.

A multidisciplinariedade presente nas relações entre Direito e Tecnologia exige dos sujeitos a adaptação e a instrumentalização das tecnologias, trazendo-as para os processos judiciais. Neste viés, a atuação do homem ainda se mostra precária e ineficiente, pois ele não tem acompanhado a tecnologia em seu desenvolvimento pleno.

As tecnologias e seus avanços, assombrosamente céleres, se veem distantes da realidade jurídica brasileira, posto que os operadores do direito e a sociedade, diga-se o cidadão comum, não conseguem acompanhar esse desenvolvimento, uma vez que, de certa forma, o próprio direito já nasce ultrapassado, pois há resolução de conjunturas já vivenciadas pela sociedade e não futuras. Outrossim, ainda há a rejeição de grande parcela desses operadores ao aderir às inovações técnicas, fato que acaba tornando lento e complexo o processo de automatização.

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades

e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 2003, p. 40)

Em que pese a informatização proporcionar uma maior celeridade e facilitação ao desenrolar dos processos judiciais, é inafastável a realidade de que o acesso à rede oferece meios para a propositura de demandas. Deste modo, há uma superlotação no judiciário, contribuindo para a morosidade na solução de conflitos que, em tese, são de fácil resolução. Contudo, problemas como o aumento das demandas em alguns casos agravam-se pelo uso, por vezes, imaturo da internet, pela falta de legislação específica para o suprimento de diferentes lacunas.


Neste sentido, ainda que o avanço tecnológico possua pontos negativos em seu bojo, este adveio para somar, proporcionando benefícios especificamente no que tange ao Direito e seus desdobramentos, afinal, tudo se aprimora com o tempo. Os desdobramentos da tecnologia propiciam aos processos judiciais uma efetividade processual, não apenas célere, mas sim, com os expedientes das informáticas, de modo a facilitar o acesso na atividade, ao exercício do direito de contraditório, aniquilação de barreiras geográfica, publicidade potencializada e por fim o aumento da eficiência jurídica.

De mais a mais, os avanços tecnológicos, em uma escala global, propiciam a conexão entre os sujeitos sem discernir suas peculiaridades. Em outras palavras, qualquer pessoa pode conectar-se a outra, on line, por meio da internet, construindo conceitos sociais, culturais e, principalmente, históricos, trazendo a baila seu caráter multidisciplinar.

Em suma, o Direito e a Tecnologia são inseparáveis, vez que um influencia diretamente na construção e adaptação do outro, de modo a acompanhar a evolução e necessidades da vida em sociedade, diminuindo o oceano divisor entre o homem e a tecnologia.

Acadêmicos do Curso de Direito da FCARP*

Professor da FCARP**



HISTÓRIA, CULTURA E DIVERSIDADE: O HOMEM SUJEITO DE DIREITOS NA PERSPECTIVA DO BOM SELVAGEM

Jefferson Antonione Rodrigues*

"Aquele que é diferente de nós não é um estranho radical"
Lévi-Strauss

O homem como gerador de conhecimento não surgiu dotado de tal, porém construiu seu aprendizado com o passar dos tempos. Desta feita, o ser natural por origem é visto como aquele livre de dogmas e costumes, pois o ser humano é como uma tela em branco, cujos traços são pintados de acordo com o passar dos tempos, referendando assim, Foucault (1960) ao afirmar que "o homem é apenas uma rosta de areia na beira do mar, passada a primeira onde, nada restará!".

Assim, é de acordo com o pensamento de Rousseau que surge destaque à figura do "bom selvagem" (FORTES, p. 1996), que consiste, em tese, no ser humano puro e inocente em seu estado de natureza. Rousseau vale-se dos mitos como verdade universal e assinala, insistentemente, o caráter conjectural das explicações positivas sobre o progresso. Desta forma, o bom selvagem apresenta aspectos históricos que um ser puro, livre de ideais e com cultura com influência na natureza em seus Deus e mitologias.

Tal fase conceitual do bom selvagem e a aplicabilidade desta teorização tem influência na literatura brasileira junto ao romance "O Guarani" (2012) que, por sua vez, traz o índio como herói, valente, forte o bastante para criar um personagem característico de um território brasileiro que busca romper em definitivo com as tradições colonizadoras de origem portuguesa, numa busca para a elaboração de uma literatura genuinamente com caracteres brasileiros.

Neste sentido, o sujeito tido como "bom selvagem" tem o papel de demonstrar a possibilidade da convivência fraterna em sociedade,

tendo ainda assim, o respeito e a preservação da cultura que ele pertence. Demonstra que, apesar da diversidade existente entre as personalidades individuais em seu meio, o respeito mútuo é o que prevalece (principalmente o respeito ao local onde nascemos e vivemos, sendo este a natureza). Ainda mais, destaca o pensamento de cultura evoluída, pois, apesar de não viver regulado pelas normatizações impostas nas sociedades tidas como superiores, consegue estabelecer uma boa relação com os indivíduos de seu grupo. Desta forma, apesar de o "bom selvagem" ser uma utopia apenas idealizada em pensamentos, dever ser sim, um modelo para que, enquanto sujeitos de direitos, possamos buscar uma outra utopia idealizada que chamamos de um "mundo melhor".

Com isso, é a partir da definição de modernidade líquida de Bauman (2001), que o homem sujeito de direitos está predisposto a adequar-se ao meio em que se insere e, então, do mesmo modo que tem a capacidade de se encaixar à história, cultura e diversidade de um grupo, pode ele também repensar para além das características adquiridas no decorrer dos tempos vividos. Assim, surge o "bom selvagem", quer seja, aquele homem que não teve contato com alguma cultura fora a dele, mas que apresenta sua personalidade e seus pensamentos, puros e livres de quaisquer mentalidades corrompidas pelo culto à desordem e à violência. Tal homem, provoca o pensamento acerca do que diz também Rousseau ao fomentar a discussão acerca dos processos dados como "civilizatórios".

Professor da FCARP*



“Meu sofrimento se transformou em luta”

BELA, OUSADA E DO MUNDO! OS 13 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA

Jefferson Antonione Rodrigues*
Lucas Eduardo Marques**

Desde os primórdios, a mulher é vista e tratada como um objeto de procriação, um ser que deve ser resguardado, alguém do “lar”, preparada para servir o gênero masculino, quer no seu casamento, quer como uma mãe impecável. Tais características femininas, que ora invadem o plano do puritanismo religioso, ora o plano moral-ético, encontram-se defasadas no mundo contemporâneo, o que é possível observar através das diversas dificuldades enfrentadas por elas no cotidiano, coroadas pelos diversos casos de violência doméstica, em que as mulheres são as maiores vítimas.

Neste contexto, com o decorrer dos anos, as mulheres lutaram constante e ativamente contra essa e outras situações pavorosas, o que percebe-se quando se atenta às análises históricas do Brasil quando, por exemplo, as mulheres conquistaram o direito ao voto no ano de 1932. Nesse plano, aos poucos e com muita garra, os seres femininos passaram a ocupar seu espaço na sociedade, garantindo sua liberdade e adquirindo o devido respeito. Contudo, apesar de tantas batalhas, ainda há muito a se conquistar e, um dos desafios a ser refletido é como desenvolver meios para que os enfrentamentos em busca de direitos e dignidade sejam alcançados, não somente em âmbito nacional, mas também em âmbito internacional. Afinal, quando se observa a história brasileira, foi através de tantas Marias, Amélias e Genis, presentes nas composições músico-culturais, que passou-se às reflexões da desigualdade e medo sofrido pelas mulheres.

Nesse sentido, ainda há muito a ser conquistado e, frente às batalhas diárias das mulheres, questiona-se o que os Estados devem fazer para tornar a mulher um ser livre e autêntico dentro da sociedade. Assim, explorando os meios alternativos que poderiam diminuir a violência contra a mulher e promover maior igualdade, podem ser lembrados os tratados internacionais, os quais, por meio de seus efeitos jurídicos, possuem força para despertar a atenção da população mundial para uma problemática, fazendo com que se tente resolvê-la, enquadrando normativamente seus executores e adotando medidas eficazes para sua erradicação, como por exemplo, a penalização à violência de gênero.

Importante salientar que, quando as questões são observadas através de uma ótica mundial, obtêm-se a mobilização dos Estados para a promoção de dignidade e igualdade de direitos. Isto posto, em 1996, o Brasil tornou-se membro da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (também conhecida como Convenção de Belém do Pará), a qual originou o Decreto nº 1.973/96 que tutela uma série de direitos às mulheres, bem como medidas a serem tomadas

pelos Estados-membros a fim de prevenir/punir/erradicar a questão exposta.


Motivados pelas possibilidades que a proposta da Convenção poderia contribuir positivamente para a proteção dos direitos das mulheres, assim como eliminar a prática de violência contra elas, o artigo 1º do Decreto busca demonstrar a extensão da sua eficiência. Nesse intuito, dispõe que a violência contra a mulher compreende qualquer ato ou conduta baseado no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública, como na esfera privada. Entretanto, apesar do conteúdo dos artigos do Decreto serem reconhecidos internacionalmente e estarem vinculados aos Direitos Humanos, é de suma importância evidenciar que antes de a Convenção ser realizada, inúmeras mulheres foram agredidas, violentadas, maltratadas e desrespeitadas, mas nem todas se calaram. Consoante a isto, vislumbra-se nesse cenário a história da biofarmacêutica cearense que foi agredida pelo marido durante seis anos e que protagonizou a aprovação da Lei Maria da Penha.

Destarte, percebe-se que foi através do significativo propósito do decreto que surge a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), a qual carrega em seu texto os importantes temas tratados na Convenção acima citada, e que possui como principal objetivo, estipular punição adequada e coibir atos de violência doméstica contra a mulher. Nessa perspectiva, desde a sua publicação, a Lei é considerada como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento da violência contra o gênero feminino, diminuindo consideravelmente as taxas de homicídio, feminicídio e agressões.

Portanto, vê-se que a influência do Direito Internacional, assim como das diversas organizações estrangeiras contribuem substancialmente na luta das mulheres por seus direitos, haja vista que o caráter persuasivo e magnetizador que possuem, inspiram os chefes de Estado e demais compositores da organização administrativa e legislativa a reflexões acerca dos temas tratados, uma vez que sempre abordarão temas de grande repercussão.

Assim, faz-se necessário que as normas do Direito Internacional, bem como as diversas organizações estrangeiras, permaneçam contribuindo na lide das mulheres, levando em consideração que ainda há diversos países não signatários de convenções internacionais, os quais ainda visualizam a mulher como propriedade do homem, sendo tratadas com total desrespeito e desprovidas de direitos básicos, sendo meras servas dos cruéis interesses masculinos e patriarcais do Estado em que vivem.

Professor da FCARP*
Acadêmico do Curso de Direito da FCARP**



INOVAR É PRECISO

Mailsa Silva de Jesus*

Nos últimos tempos, nos meios acadêmicos, muito se tem ouvido falar sobre o termo “inovação”, tanto que esta passou a integrar de forma expressiva os índices de avaliação das Instituições de Ensino e conseqüentemente, dos cursos por elas ofertados, como indicador de qualidade, passando a compor a pauta atual das discussões acadêmicas.

O ensino com pesquisa na graduação e o uso de novas tecnologias na sala de aula, são defendidos como propostas de tornar o estudante universitário sujeito do processo de aprendizagem, alterando radicalmente a disposição anterior de se entregar todas as informações já prontas e sistematizadas pelo professor para memorização e reprodução.

Assim, o termo, antes utilizado mais frequentemente no contexto empresarial ou econômico, no sentido de criar novas estratégias para atingir determinados objetivos, passou também a ser utilizado no âmbito da Educação, atrelado à ideia de qualidade da instituição e a melhoria contínua dos processos de aprendizagem.

O conceito de inovação é bastante amplo e diversificado, apresentando inúmeras conotações, dependendo do contexto em que se é empregado.

No contexto empresarial, por exemplo, inovar pode significar inventar, sejam ideias, processos, ferramentas ou serviços ou ainda, como sinônimo de adaptação e, para que as empresas possam obter resultados e continuar na "batalha" no mercado empresarial, as inovações são essenciais para que possam se moldar às mudanças que acontecem nas estruturas sociais e econômicas.

Na Educação Superior, a temática da Inovação também assume diferentes conotações, a saber: utilização de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na prática docente; adoção de metodologias ativas, em substituição às aulas expositivas; trabalhar com ensino a distância, etc.

Segundo VEIGA (2003) inovar é introduzir algo diferente dentro do sistema, para produzir uma mudança organizacional descontextualizada, pontuando que uma das estratégias do gestor para inovar pode ser de natureza empírico racional ou político-administrativa, sendo que em geral os professores e coordenadores de curso, ou dirigentes da instituição ou do sistema, lançam as ideias e trabalham para sua aceitação e implementação, o que significa que os resultados da inovação são transformados em normas e prescrições e, conseqüentemente, sua aplicação é também técnica.

Introduzir inovação tem o sentido de provocar mudança, no sistema educacional. De certa forma, a palavra “inovação” vem associada a outras palavras como mudança, reforma, novidade.

Segundo a autora, o “novo” só adquire sentido a partir do momento em que ele entra em relação com o já existente. Considera ainda que a inovação regulatória ou técnica é instituída no sistema para provocar mudança, mesmo que seja temporária e parcial.

Segundo a OCDE, a “Inovação em educação está relacionada à adoção de novos serviços, tecnologias, processos, competências por instituições de ensino que levem à melhora de aprendizagem, equidade e eficiência”.

Ainda que as inovações não estejam necessariamente relacionadas ao uso de tecnologia, o documento destaca que as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) têm se apresentado como um importante motor de mudança.

Nas últimas décadas a sociedade brasileira vem sofrendo profundas alterações, provocadas principalmente, como afirma Marcos Mansetto, pela nova revolução tecnológica da informática e da telemática. Essas alterações criam novas demandas que, além de afetar a vida cotidiana das pessoas, atinge os setores fundamentais da vida universitária. As carreiras profissionais exigem novas habilidades e competências, sem desconsiderar a competência técnica, o que afeta diretamente a universidade em seu papel de formação do profissional exigido pela sociedade atual.

Marcos Mansetto, em artigo intitulado: “Inovação no Ensino Superior”, nos convoca à reflexão sobre as conseqüências das alterações trazidas pela tecnologia para o trabalho acadêmico na universidade, a exigir mudanças profundas na cultura organizacional da instituição. E providencialmente complementa:

Para que essas mudanças aconteçam, sabe-se que é preciso, no mínimo: abertura, diálogo, intercomunicação e parceria com as mais diversas fontes de produção de conhecimento; revisão e reformulação de bancos de dados e informações; implantação de novos processos informativos e de comunicação.

Isso tudo nos leva a concluir que Inovar não só é preciso, mas que também deve ser um processo constante.

Coordenadora do Curso de Direito da FCARP*



INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E CRIATIVIDADE SÃO OS TEMAS DA ENTREVISTA COM A ARQUITETA ANA CAROLINA FERREIRA

Jefferson Antonione Rodrigues*

A Diretoria da FCARP divulgou a toda comunidade que foi aprovado pela Conferência Episcopal Italiana (CEI), o Projeto que visa a melhoria da infraestrutura da instituição, em que estão previstas obras que contemplam o término do prédio novo (com 12 novas Salas de Aula, 01 Laboratório de Informática e o novo Núcleo de Práticas Jurídicas, bem como o Portal de Entrada, o calçamento de todo o estacionamento e uma praça de convivência entre a cantina e a quadra poliesportiva coberta). Também há no projeto a previsão para o término do auditório com instalação de climatizadores, poltronas, piso e pintura. Além disso, a compra de todo mobiliário para as novas dependências. As obras terão início nas próximas semana com o estacionamento e auditório com capacidade para 350 pessoas.

Agora a FCARP oferece além de qualidade e tradição a melhor infraestrutura da região. E para melhor entendermos todo este projeto tecnológico, inovador e deveras criativo o nosso bate-papo é com a Arquiteta Ana Carolina Ferreira.

FCARP – É um imenso prazer conversar contigo Ana Carolina Ferreira. Desde já agradeço imensamente a sua disponibilidade em conceder-nos esta entrevista. Você poderia nos dizer quem é a arquiteta Ana Carolina Ferreira e sua relação para com a FCARP e a cidade de Araputanga?

Ana Carolina – *O prazer é todo meu em conceder esta entrevista, obrigada! Bom, Graduei em arquitetura pela Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso - UNEMAT em abril de 2017, na cidade de Barra do Bugres –MT. Após a graduação, iniciei minha vida profissional em Vilhena, onde passei a residir e hoje, com a graça de Deus, mantenho em funcionamento meu escritório. Atendo também em Cuiabá e mensalmente estou em Araputanga, onde cresci e vivi até 15 anos de idade, tendo o privilégio de estudar na escola Padre José de Anchieta. Hoje tenho a honra de ser uma profissional que ama o que faz, sempre executando projetos com amor e dedicação. Ter o privilégio de fazer o projeto da nossa querida FCARP, só me traz mais a certeza disso!*



Ana Carolina Ferreira - Arquiteta

FCARP – Como foi para você receber o convite para ser a arquiteta responsável pela nova infraestrutura da FCARP?

Ana Carolina – *Foi uma surpresa muito boa, pois a FCARP esteve sempre presente na vida de todos nós de Araputanga, é um orgulho enorme ter uma instituição tão reconhecida em nossa cidade e todo o Vale do Jauru, trazendo o conhecimento sem fronteiras. Foi nela que minha mãe e irmão se formaram. Poder projetar pensando em todos os próximos acadêmicos que irão passar por ali, é de uma*

extrema responsabilidade, entusiasmo e amor! Uma honra enorme! Estou ansiosa para o começo da obra!

FCARP – Qual a maior dificuldade que você encontrou para projetar essa nova infraestrutura para a FCARP?

Ana Carolina – *Acredito que a maior dificuldade ao projetar, foi pelo fato de trazer a modernidade e a funcionalidade, pensando nos melhores fluxos e sem alterar muito a estrutura já existente! Além de saber que o espaço possui grande valor emocional para todos, principalmente para o Monsenhor Celso Duca!*

FCARP – O que você destacaria como pontos de Inovação, Criatividade e Tecnologia neste projeto idealizado por você?

Ana Carolina – *No projeto existem vários pontos de inovação e criatividade, desde os materiais usados até a disposição do mesmo. A parte de inovação eu citaria os materiais utilizados para a construção da fachada da guarita, este material é conhecido como ACM, e está entre os revestimentos do futuro, devido a sua leveza, praticidade, durabilidade, alto grau de resistência em relação ao peso e etc.! Já a questão criativa e tecnológica está em todo o processo de criação, visto que hoje temos a chance de apresentarmos algo bem realista para os nossos clientes por conta dos softwares existentes. Com o projeto da faculdade foi possível sonhar com cada pedacinho dela, devido ao vídeo e fotos que foram apresentados!*

FCARP – Sabemos que a sua proposta tem alcance ecológico, poderia nos dizer como isso se concretiza na nova infraestrutura da FCARP?

Ana Carolina – *Sim, no projeto foram propostas coberturas para o estacionamento com placas solares para geração de energia elétrica limpa, outra proposta seria o pergolado feito em madeira de demolição, mas ainda estamos estudando esta possibilidade.*

FCARP – O que a arquiteta Ana Carolina tem a dizer sobre o projeto e o que os futuros usuários podem esperar?

Ana Carolina – *Eu espero que o meu projeto seja algo inovador, inspirador, que os acadêmicos e os futuros acadêmicos da instituição se sintam abraçados por ele, por cada cantinho feito e pensado para eles e para agregar no futuro de cada um, com instalações modernas e funcionais. Agradeço imensamente mais uma vez pela oportunidade.*

FCARP – Enquanto Editor Geral desta 29ª Edição da Revista Informativa Espaço, agradeço nosso bate-papo e desejo que esta obra seja mais uma grande obra de sucesso da Arquiteta Ana Carolina Ferreira. Obrigado!





EQUOTERAPIA:

UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS EM GRUPOS ESCOLARES COM NECESSIDADES ESPECIAIS E A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

*Tiago Ferreira da Silva**
*Lizia Kelle dos Santos Almeida***

A equoterapia vem conquistando sua importância e espaço de forma precisa, definida como tratamento terapêutico e educacional, encontrada nas áreas da equitação, saúde e educação uma abordagem interdisciplinar que utiliza o cavalo como agente principal no processo equoterápico. A pesquisa teve como objetivo geral, conhecer os benefícios da equoterapia em grupos escolares no Centro de Equoterapia de Araputanga e saber quais as funções do profissional de Educação Física.

A palavra equoterapia foi criada pela ANDE-BRASIL para caracterizar todas as práticas que utilizam o cavalo, com técnicas de equitação e atividade equestres, objetivando a reabilitação e/ou educação de pessoas com deficiências ou com necessidades especiais. O trabalho apresenta como principais referenciais teóricos os autores. Ande-Brasil (1999), Alves (2009), Gil (2010) Equoamigos (2014), Severo (2010) e vários outros importantes escritores sobre o tema discutido. A pesquisa foi realizada no Centro de Equoterapia da cidade de Araputanga que surgiu no ano de 2014, como um projeto de responsabilidade

social do Sindicato Rural de Araputanga, denominado “EquoAmigos”, cujo objetivo é desenvolver, estimular e reabilitar crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, pacientes ou não da rede pública de saúde, utilizando o cavalo como instrumento reabilitador imprescindível junto a melhora das disfunções neurológicas, além de estimular as relações biopsicossociais.

O projeto abrange o município de Araputanga, onde funciona, e também São José dos Quatro Marcos, Gloria d'Oeste, Indiavaí, Figueirópolis D'Oeste, Jauru, Reserva do Cabaçal, Lambari D'Oeste, Rio Branco, Curvelândia, Porto Esperidião e Pontes e Lacerda. O presente estudo baseou-se em uma Pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica, com intuito de analisar os benefícios motores da equoterapia e a funcionalidade da educação física e dos demais profissionais necessários no processo de tratamento terapêutico do praticante.

Percebe-se que a equoterapia surge como um recurso terapêutico que além de trabalhar com a melhora da postura do pacien-

te-aluno, cria vínculo social e criativo. A equoterapia é apresentada pela bibliografia analisada como uma das várias técnicas complementares no tratamento de várias patologias. Constatou-se que a equoterapia oferece um vasto campo de atuação profissional e dentro dela encontra-se a Educação Física que tem um relevante papel a desempenhar, não apenas no desenvolvimento de habilidades como também sendo responsável por criar condições essenciais que objetivem a formação plena do praticante.

No contexto do Centro de Equoterapia de Araputanga, as atividades são realizadas semanalmente pelos profissionais especializados e mediante diagnóstico médico. Durante as atividades são utilizadas atividades lúdicas; brinquedos diversos; músicas; cantigas de roda e contos de fada; estimulação do ambiente; cavalo (principal protagonista); e, exercícios psicomotores.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, as observações realizadas no Centro de Equoterapia de Araputanga, demonstraram que o profissional de Educação Física pode desenvolver papel importante na reabilitação e reeducação do praticante, pois tem em sua formação conhecimentos específicos, nas áreas de saúde, educação, esporte, lazer e estética e que a equoterapia é de suma importância no tratamento terapêutico para os pacientes que utilizam dessa prática. Nesse aspecto, estabelece relações com os demais componentes da equipe, oferecendo material sob a respiração, postura e alongamentos para a equipe, incentivo na aquisição de hábitos saudáveis na busca de uma melhor qualidade de vida. Podendo não só, atuar na preparação

física da equipe como trabalhar com jogos adaptados e na avaliação biométrica dos praticantes e da equipe toda e atuar na preparação física da equipe multidisciplinar.

No decorrer dos estudos, mostrou-se evidente o trabalho interdisciplinar, com uma equipe multiprofissional com base de conhecimentos nas áreas que promovem ações diretas aos praticantes e no processo de desenvolvimento, por meio da terapia ocupacional e com vários profissionais, como: educadores físicos, fisioterapeutas, pedagogos, entre outros. No entanto, enfatiza-se o profissional de educação física que utiliza dos instrumentos pedagógicos, que favorece aprendizados novos, através do esquema corporal que envolve coordenação motora ampla, coordenação motora fina, lateralidade, organização espacial, organização temporal e equilíbrio. Sendo assim, o profissional de educação física atua significativamente no desenvolvimento integral dos praticantes. A Educação Física, por meios de seus profissionais, tem como atribuição proporcionar às pessoas com necessidades especiais, o contato com o cavalo de modo prazeroso, estimulando os demais membros da equipe multidisciplinar. O contato com a natureza proporciona ao praticante um despertar para a liberdade, sendo isso um ponto positivo para o desenvolvimento integral através de jogos lúdicos, linguagem-comunicação-expressão, criatividade, psicomotricidade, desenvolvendo uma amplitude de conhecimentos.

Professora da FCARP
Acadêmico do Curso de Licenciatura
em Educação Física da FCARP***



RELATOS DE DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA FACULDADE CATÓLICA RAINHA DA PAZ-FCARP

Edimar da Rocha*

A constituição do ser professor é um longo processo que comporta vários momentos complementares e contínuos, implicando que nem começa e nem termina na graduação, pois a docência, por sua própria complexidade, demanda um contínuo desenvolvimento pessoal e profissional. Além das contribuições dos espaços de formação e de atuação profissional, essa constituição tem, também, contribuições das características e experiências individuais (história pessoal), que fazem parte do conhecimento profissional docente, interferindo diretamente nas práticas pedagógicas dos professores. Por isso, de acordo com Neira (2010, p.73) “o currículo precisa ser fruto de uma ação coletiva”. O autor complementa dizendo que “os saberes e situações que constituem o currículo da formação para a docência refletem, em última análise, o sujeito-professor que se quer formar” (p.74). Ao contrário de um novelo de lã todo emaranhado, o currículo precisa ter o formato de um quebra-cabeça onde todas as “peças” (disciplinas) se encaixam e dialogam entre si.

No viés da formação profissional enquanto uma síntese de múltiplas experiências, muitas das quais são experiências pessoais, isto é, partem de uma vivência muito própria de cada aluno/profissional, trazemos alguns relatos de alunos que, durante seu processo formativo, tiveram a oportunidade de aliar às suas competências teóricas, algumas experiências relevantes que, certamente, os constituirão como profissionais. Assim, os acadêmicos relatam que conforme vão vivenciando as disciplinas do curso, se sentem mais tranquilos para iniciar qualquer tipo de trabalho na área da educação física, e afirmam:

“O curso tem chamado minha atenção por não estar nos apresentando só teoria, está nos proporcionando teoria aliada com a prática, fazendo com isso que as aulas não fiquem enjoativas, só com teoria, e além disso vivenciando e experimentando a prática tendo mais ou menos uma noção do que vamos encontrar na nossa futura área de trabalho”.

“Contamos com bons professores, com matérias bem interessante, claro tem umas que gosto mais e tem outras que eu gosto menos, mais não tenho do que reclamar. E com isso, vamos nos motivando a continuar até terminar o curso, já pensando futuramente no que o mercado de trabalho e que vai exigir de nós, todo o suporte da instituição em relação ao curso, proporcionando a nós eventos onde sempre estamos participando, dando nossas ideias e tirando deles pontos positivos e negativos, que nos trazem muitas experiências”.

Esses dois relatos são essenciais para que, nas aulas de educação física, nós professores, tenhamos presente a importância de uma experiência

de troca de informações, uma vez que alunos e o professor transmitem suas vivências uns aos outros. Talvez a diferença entre aluno e professor é que o aluno pode se expressar sem medo, pode errar ou acertar quantas vezes quiser, mas nós professores mesmo que também acertemos e erremos, e nos expressemos com liberdade, mas nunca de modo irresponsável, temos que ter um olhar clínico, como alguém que tem uma preparação técnica mais ampla. Por isso, temos que estar atentos, pois buscamos resultados a cada movimento do aluno, seja na esfera fisiológica, emocional ou social; nós temos a responsabilidade de auxiliar na formação daquele indivíduo, pois o mesmo está galgando os caminhos que o levarão à vida adulta e nós devemos instigá-los ao um desenvolvimento integral de sua personalidade.

O curso de Educação física faz parte da área da saúde, por isso, o profissional formado em educação física é aquele que deverá promover a saúde das pessoas usando prática de atividade físicas, seu trabalho envolve acompanhar e orientar pessoas de todos os tipos, de idades diferentes, em esportes, exercício e atividades físicas, bem como aqueles que estão em recuperação de movimentos, lesões ou até portadores de deficiência e idosos que necessitam de cuidados especiais.

No curso de educação física percebe-se que as disciplinas aplicadas em sua maioria envolvem aulas práticas como método de ensino, o que promove uma gama de possibilidades. Por isso, a organização dessas disciplinas é essencial, pois é possível controlar o ensino fazendo com que se torne interessante e melhore o desempenho do corpo discente, uma vez que a construção de saberes faz com que a educação física seja vista e expressada nas mais diversas manifestações.

Ao aproximar-se desta realidade fora do campo acadêmico, é possível que os estudantes conheçam as vantagens e desvantagens de determinadas atividades em sua prática, até descobrir quais são suas verdadeiras vocações e sentirem-se confiantes para realizar trabalhos na área. Para isso, o ensino teórico/prático auxilia os acadêmicos para que possam adquirir saberes, para saberem aprender, para saberem fazer, enfim para poderem saber ensinar, para isso, o currículo do curso de Licenciatura em Educação Física auxilia de modo importante no aprendizado dos alunos. Neste processo de ensino e aprendizagem o objetivo é desenvolver significados adequados, que favoreçam a busca por uma identidade forte que dê norte às atividades do profissional de Educação Física de forma ética e socialmente comprometida.

Professor da FCARP*



A OVINOCULTURA NO CENÁRIO DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL

Carla Roberta Vilaça*
Cristiane Otília Colossi Bernhardt**

A ovinocultura foi introduzida no Brasil a partir de 1556, contudo, estabeleceu-se geograficamente no estado do Rio Grande do Sul no século XX com o único objetivo de produzir lã, pois, era seu principal produto e o mercado estava em expansão a nível mundial (VIANA; SILVEIRA, 2009).

A ovinocultura gaúcha teve seu apogeu na década de 1980, sendo considerada a segunda atividade em nível de importância no estado. Durante este período, a lã atingiu seu maior valor comercial no mercado internacional (NOCCHI, 2001), o que fez com que os rebanhos aumentassem, assim como a demanda por mão-de-obra e as ofertas de trabalho; o resultado foi que o volume de lã produzida no Rio Grande do Sul chegava a 36 milhões de quilogramas por ano, naquele período.

Ao final da década de 80, uma forte crise provocou uma significativa redução dos rebanhos ovinos no Rio Grande do Sul, assim como, ocasionou a queda no preço da lã (FAOSTAT et al, 2011). Muitos produtores abandonaram a produção, migrando para outros setores como a agricultura. Mesmo assim, o Estado continua produzindo lã, porém em menor escala, sendo que a lã gaúcha representa 91% de toda lã brasileira (COUTO, 2004).

Barros (2010) destaca a importância da ovinocultura no agronegócio brasileiro, configurando estas atividades como alternativas agropecuárias apropriadas para gerar crescimento econômico e benefícios reais em todas as regiões brasileiras, porém, chama a atenção para as incertezas que pairam sobre o mercado de produtos ovinos, dentre os quais se destacam a clandestinidade dos abates destes animais, a falta de regularidade de oferta destes produtos, o hábito alimentar brasileiro e o baixo poder aquisitivo da população.

Na atualidade, negócios agropecuários apresentam a mesma complexidade, importância e dinâmica dos demais setores da economia (indústria, comércio e serviços), exigindo do produtor rural uma nova visão da administração

dos seus negócios. Vale ressaltar que as ferramentas de gestão estão disponíveis na administração rural e são fundamentais quando se busca aliar eficiência produtiva a eficiência econômica. Nesse caso, a atividade da ovinocultura pode sim, continuar a se destacar dentro do cenário do agronegócio brasileiro, seja em grande escala ou até mesmo para produtores em regime de agricultura familiar (BARROS, 2010).

Na visão de Rodrigues et al (2007), há uma variedade de práticas de manejo sanitário, as quais devem preconizar o relacionamento e sintonia com o ambiente e os manejos reprodutivos e zootécnicos. Dessa forma, a manutenção da saúde animal depende de alguns fatores, como a implantação de programas preventivos, definição e dimensionamento do sistema de produção, mão de obra capacitada e estimulada e de questões administrativas e econômicas.

Ao avaliar a ovinocultura, Santos (2013) comenta que o simples hábito em consumir carne de cordeiro, pode colocar a ovinocultura em posição de destaque no agronegócio. É cada vez mais comum ver famílias apreciando cortes nobres em bons restaurantes, mas o volume de animais no pasto brasileiro ainda é insuficiente para tamanha demanda. Mesmo que a produção ainda seja escassa, o momento é oportuno para investir numa atividade de rápido retorno financeiro.

Como todo o agronegócio, a ovinocultura, seja para pequeno, médio ou grande produtor, precisa estar focada no desempenho econômico. Vê-se que o bem estar animal, genética, responsabilidade social, impacto ambiental, saúde pública e ética empresarial fazem parte do planejamento e gerenciamento da ovinocultura. O ovinocultor deve traçar metas e estabelecer objetivos num processo de gestão mais qualificado, manter a qualidade no produto ofertado, para melhorar o retorno financeiro do negócio.

Acadêmica do Curso de Gestão do Agronegócio*
Coordenadora dos Cursos de Administração,
Ciências Contábeis e Agronegócio da FCARP**



BRASIL, O MAIOR CONSUMIDOR DE AGROTÓXICOS DO MUNDO?

Taciele Alves Rocha*
Cristiane Otília Colossi Bernhardt**

Os agrotóxicos, também conhecidos como defensivos agrícolas ou agroquímicos, são produtos usados para conter insetos, doenças, ou plantas daninhas que causam danos às plantações. Os agroquímicos foram criados durante a Primeira Guerra Mundial, mas somente foram utilizados na Segunda Guerra Mundial, durante os combates, como arma química. Com o final da guerra, estes resíduos começaram a ser utilizados como defensivos agrícolas.

No Brasil os agrotóxicos chegaram nos meados da década de 1960, sendo chamada de “revolução verde”. A chamada revolução foi instituída no Brasil por exigência das indústrias de agrotóxicos e do governo brasileiro, quando foi estipulado aos bancos que para efetuar a liberação do financiamento ou crédito para compra de sementes, este somente seria permitido se o agricultor também adquirisse o adubo e o agrotóxico.

É importante não esquecer que os defensivos químicos são substâncias manuseadas na agricultura com o objetivo de conter ou controlar pragas e doenças nas plantações como: insetos, ácaros, fungos, bactérias e plantas daninhas. Estes resíduos químicos podem ser classificados de várias maneiras com, por exemplo, o tipo de praga que estes podem eliminar ou grupos de ação, toxicologia animal e periculosidade animal.

Por isso, no Brasil, esses resíduos são fortemente regulamentados pela lei nº 7.802/1989, tanto no seu desdobramento, quanto na produção, venda e aplicação. Como citado no trecho a baixo.

Art. 1º. A pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, serão regidos por esta lei.

Em 2013, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês), o Brasil investiu 10

bilhões de dólares em agrotóxicos, sendo a nação que mais gastou com pesticidas, superando potências como Estados Unidos, China, Japão e a França. Desde então, o país mantém o título de maior consumidor de agrotóxico do mundo, cerca de 20% do que é produzido no planeta.

Para chegar a esta conclusão foram realizados relatórios onde se comparam os valores que foram aplicados em agroquímicos nos 20 maiores mercados globais no ano de 2013. A própria FAO, publicou o ranking em números absolutos, números por área plantada e por volume de produção.

Em relação ao número absoluto de consumidores de agrotóxicos, o Brasil foi o país que mais gastou com agrotóxicos no mundo: US\$ 10 bilhões. Ficando acima dos Estados Unidos, China, Japão e França, ficam respectivamente, nas posições seguintes.

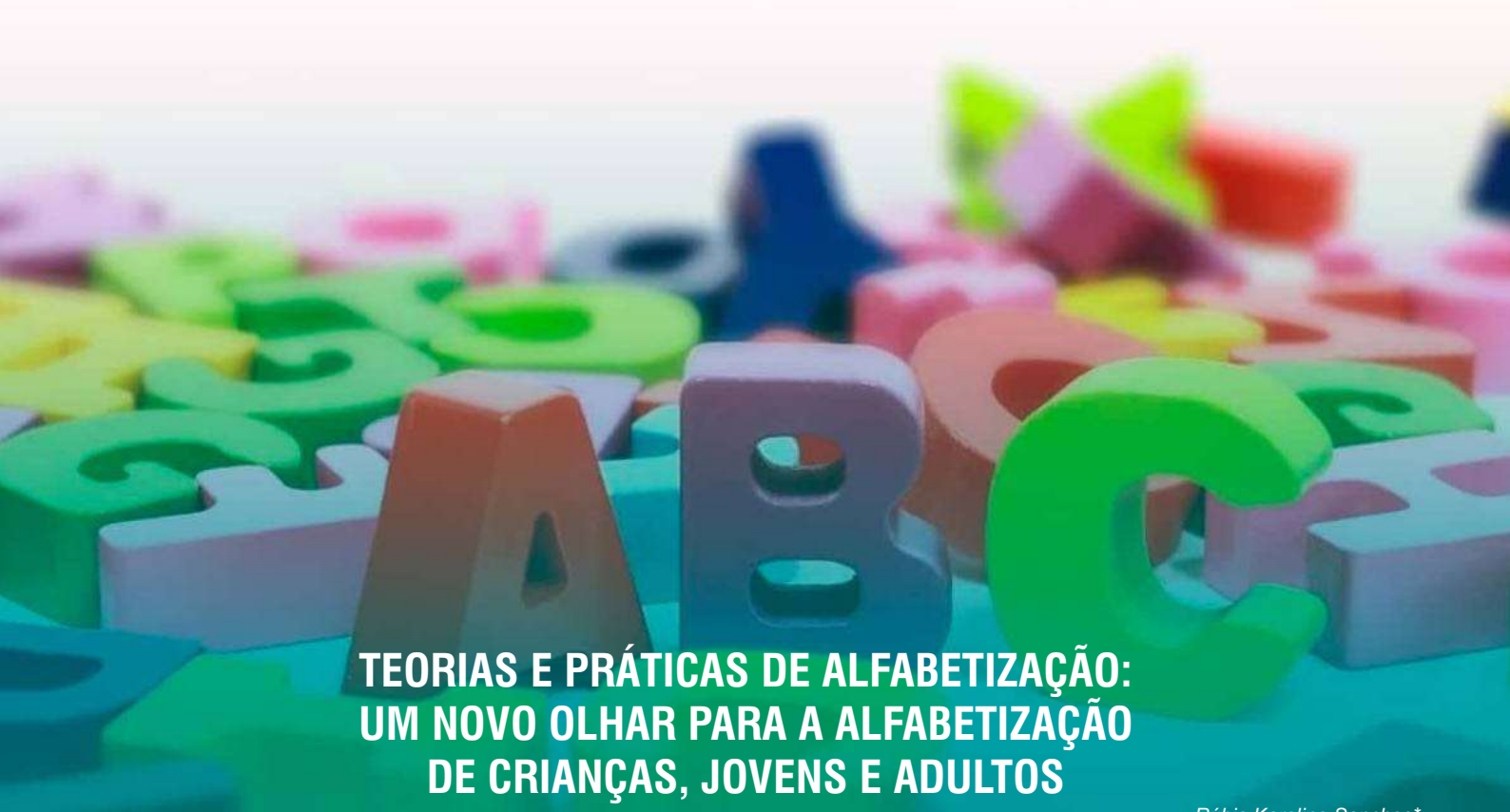
Entretanto, se compararmos as demais variáveis de números por área plantada e por volume de produção, percebe-se que o resultado não é tão alarmante assim. Considerando o consumo se considerarmos o área plantada, o Brasil passa a ocupar a 7ª (sétima) posição, o país que ocupa o primeiro lugar no ranking passa a ser o Japão.

E ainda com dados da FAO, que apresentou o volume de consumo em relação à produção agrícola, o Brasil passa a ocupar a 13ª (décima terceira colocação), esse ranking foi liderado pelo Japão.

A pesquisadora Larissa Mies Bombardi, professora da Faculdade de Geografia da Universidade de São Paulo, é autora de um dos principais trabalhos brasileiros, publicado em 2017, sobre o nosso consumo de pesticidas: o Atlas Geográfico do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia, apresenta esse paralelo. Seu estudo demonstra que é importante utilizar as pesquisas publicadas para entendermos como ocorre a coleta desses dados, uma vez que o levantamento que a FAO realiza diz respeito a informações que são divulgadas oficialmente pelo próprio Brasil e não possuem um monitoramento, por isso, importante avaliarmos bem os resultados.

Outros pesquisadores como o professor Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), Adriano Rodrigues, afirma quem além de observar os números da FAO, é necessário analisar os efeitos causados pelo contato com os agrotóxicos. “Mais importante do que apenas dizer se somos ou não os maiores consumidores, é mostrar as consequências desse uso tão grande. O Ministério da Saúde emite relatórios que quantificam o número de intoxicações no Brasil por exposição a agrotóxicos, mais de 80 mil notificações”. Com certeza é um ponto importante a ser pensado

Acadêmica do Curso de Ciências Contábeis*
Coordenadora dos Cursos de Administração,
Ciências Contábeis e Agronegócio da FCARP**

A close-up photograph of colorful, 3D-printed letters. The letters 'A', 'B', and 'C' are prominently featured in the foreground, with 'A' in red, 'B' in blue, and 'C' in green. Other letters in various colors like yellow, pink, and purple are scattered in the background, creating a vibrant and playful scene.

TEORIAS E PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO: UM NOVO OLHAR PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS

Rúbia Karolina Sanches*

A alfabetização é uma fase de suma importância na vida de qualquer ser humano, seja ele criança, jovem ou adulto. Infelizmente, algumas pessoas não têm a oportunidade de estudar quando criança, pela falta de acessibilidade, pela falta de transporte, pela necessidade de trabalhar ainda quando se é jovem, ou pela falta de creches/pré-escolas e escolas no ambiente em que se vive.

A alfabetização está no início da vida de todo ser humano, para alguns esse processo inicia quando ainda é criança, para outros quando está mais velho. Em qualquer fase, configura-se como um caminho com inúmeros obstáculos a serem vencidos, mas a gratidão em saber ler e escrever após ser alfabetizado, é um sentimento imenso de vitória. Gontijo afirma que a alfabetização “[...] é o processo de inserção no mundo da linguagem escrita” (2002, p. 7).

A criança, ao iniciar seu processo de identificação de sons, sinais, palavras, números e letrados já está iniciando o seu caminho da alfabetização. O próximo passo é a rasura, onde a criança começa a rabiscar, desenhar, escrever letras e vogais que estão inseridos no seu nome, até que chegue a fase de aprender a escrever as vogais do começo ao fim, os números até dez, o seu primeiro nome, e em seguida a professora avança para palavras do dia a dia da criança.

O significado da palavra “alfabetização” é o aprendizado da leitura e da escrita do indivíduo

que aprende. Após o indivíduo ser alfabetizado, ele entra para um novo período, que é o letramento, onde ele colocará em prática aquilo que aprendeu na primeira fase. De acordo com Soares, apud Moraes e Albuquerque (2007, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

O processo que envolve o ensino-aprendizagem da alfabetização deve ser organizado de forma que a leitura e a escrita estejam envolvidas em uma linguagem real, e natural da criança/jovem/adulto que está aprendendo, isso implica em estar de acordo com o cotidiano do indivíduo. A alfabetização tem como objetivo de criar situações que o indivíduo perceba que o desenvolvimento é consequentemente adquirida com a sua autonomia, para que na fase adulta possa tornar-se um ser crítico e conhecedor de seus direitos.

A alfabetização é um processo que vai além de decodificação de letras/palavras e memorização de símbolos. Ela requer um conjunto de pensamentos e habilidades do indivíduo que esteja aprendendo a reconhecer a palavra e

os sinais. O professor que alfabetiza pode ampliar seus métodos de ensino, para que não fique algo sem graça e sem valor para a criança, ele pode utilizar a brincadeira e a área de laser do ambiente escolar para ensinar. Rodrigues (2013, p. 20) reforça que “Quando brinca, a criança tem oportunidade de desenvolver todas essas habilidades de forma criativa e divertida, tornando o aprender mais prazeroso e feliz”.

A alfabetização pode ser tornar algo legal e divertido para criança, quando aprender passa a ser uma maravilhosa aventura para os seus alunos que podem lançar-se em um mundo mágico, onde o professor estará desempenhando atividades com seriedade e motivação para esses indivíduos. O professor precisa preservar as atitudes da criança, e estimulando o aluno à curiosidade, pois esta é a melhor forma de promover a aprendizagem.

Silviane Barbato (2008, p. 21) ressalta a importância da inserção de atividades lúdicas como suporte para a aprendizagem:

As crianças de 6 anos constroem seu conhecimento, utilizando procedimentos lúdicos como suporte para a aprendizagem. O lúdico não se refere somente às brincadeiras livres, como as do recreio, ou planejadas como as elaboradas por professores com fins didáticos; ele é utilizado como suporte pelas crianças: a imaginação é um processo que possibilita a construção do conhecimento de forma diferenciada e é um instrumento de aprendizagem das crianças menores.

As crianças ao entrarem na vida escolar,

passam a adquirir novos conhecimentos, extraído através da comunicação e da observação dos outros alunos que estão em sua volta, pois cada um chega à escola com uma cultura diferente das demais crianças. O laço de amizade, que é formado nesse período escolar, mostra a alfabetização com um novo olhar, onde a criança aprenderá novas formas de comunicação, interpretação de sinais e símbolos e também a forma de entender e escrever novas palavras

De acordo com Emília Ferreiro (2004), deve-se iniciar o processo de alfabetização, valorizando o conhecimento da língua que o aluno traz consigo do seu convívio com familiares e amigos. Para a autora, o aluno não vem para a escola sem saber de nada, ele traz consigo um aprendizado (assistemático) importante que deve ser aprimorado e contextualizado, para promover conhecimentos favoráveis às suas necessidades cotidianas.

A alfabetização é importante para a formação do ser humano, seja ele no início da sua escolarização, ou quando se tem a oportunidade de poder estar estudando. O aprendizado não é algo concreto, pois o aprender está todos os dias em nossas vidas, tudo aquilo que seja novo no nosso cotidiano faz parte do aprendizado. A alfabetização funciona da mesma forma, cada rabisco torto, cada palavra errada, é uma forma de aprendizado, pois é um meio para aprender o correto.

*Acadêmica do Curso de Pedagogia da FCARP**





SÍNODO PARA A AMAZÔNIA: CONVITE PARA A INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO

Ana Paula Mendes de Oliveira Braga*

Vivemos e compartilhamos um espaço comum, um todo que deve ser de todos. Pensar o mundo como um só parece meio irônico em meio a tantas ilhas impostas por nós seres humanos. Nesse espaço comum existem vários seres vivos, entre eles os humanos, seres pensantes e inteligentes, que se desenvolvem constantemente, criam coisas a todo momento e vivem em grupos sociais. Cada ser possui características e especificidades próprias, o que faz surgir a diversidade humana. Diversidade essa que no decorrer da vida sofre alterações, ou seja, é moldada, composta e complementada por um conjunto de costumes e valores de um povo, compartilhados através de práticas sociais, ao que se chama cultura.

A palavra cultura vem do termo em latim *Culturae*, que significa a ação de tratar, cultivar. É composta por comportamentos, hábitos e discursos fundantes de um povo, construídos historicamente. Esses comportamentos e opiniões se diferem de um grupo a outro, o que torna cada ser e grupo, próprios. Entretanto, essas especificidades e características próprias não devem tornar os grupos sociais ilhas isoladas uma das outras. Quando há interação de duas ou mais matrizes culturais ocorre o processo de aculturação, e assim todos se desenvolvem em uma nova cultura promovendo a miscigenação de culturas, o que enriquece os saberes e leva à interculturalidade, isto é, o diálogo entre as culturas.

Pensar o respeito a diversidade de cultura nos remete a algo complexo, ou seja, tecido em conjunto, de forma contínua e permanente. Outrossim, podemos perceber que esse fator não se aproxima de muitas práticas exercidas por determinados grupos sociais cotidianamente. Por isso, a educação é primordial na formação do sujeito para viver em sociedade, e deve mediar todas e quaisquer situações que venham ser discriminatórias das diversidades existentes. Portanto, a educação quer garantir que não haja a perpetuação de ideologias racista, hierarquia racial, inferioridade racial, intelectual, de beleza estética, de valores morais, éticos e culturais.

Um dessas formas de isolamento e de negação do diálogo intercultural é o etnocentrismo que, segundo Anthony Giddens, se configura como "(...) a prática de julgar as outras culturas comparando-as com a nossa." Essa prática influencia e acarreta deformações na construção da identidade cultural, ou seja,

as famosas "modinhas" que influenciam, e muitas vezes são veículos de instigação ao ódio, aversão e desrespeito a cultura, o modo e o jeito de ser do outro.

Portanto, a formação de uma identidade cultural é tecida através de vivências e compartilhamento de ideias de um grupo, onde o mito se faz presente como um discurso fundante do grupo, proporcionando a organização dos seus membros. Nesse viés, todas as pessoas que participam da sociedade possuem uma identidade cultural, construída através do processo de socialização, experienciado nas diversas instituições, por isso, podemos dizer que a cultura molda o indivíduo e é moldada por ele, conferindo-lhe assim uma identidade cultural. Através dessas práticas sociais ocorre a expressão de um conjunto de valores e costumes de um povo, pautados sobre ideias abstratas que definem o verdadeiro e o correto, com ações que agregam sentido e direcionam as práticas sociais, e incorporam assim valores culturais, que podem sofrer alterações com o passar do tempo.

Ulloa e Patuzzo (2019, p. 98) salientam que, "o modelo de sinodalidade proposto pelo Papa Francisco é o do diálogo e da escuta que possibilita o autoquestionamento sobre quais são as alegrias que deve portar e suscitar nas periferias específicas, onde é enviada a servir e a evangelizar". É nessa perspectiva que se constrói a preservação das culturas. É através do diálogo e da escuta que se permite criar caminhos para o processo de interculturalidade e aculturação.

Em vista disso é de suma importância enxergar a grandeza do ser humano e perceber o quanto podemos ser diferentes e iguais. Compreender que ao valorizarmos a diversidade de culturas presentes em nosso país e no mundo, proporcionamos a cada sujeito a compreensão de seu próprio valor, desenvolvendo inclusive a sua autoestima. Por isso, cada vez mais há a necessidade de realizar a interculturalidade, o diálogo respeitoso entre as culturas, demonstrar a riqueza e o quanto podemos evoluir, na troca de conhecimentos, saberes e costumes com outros grupos sociais. Pensar o mundo como um todo inclui especialmente pensar a existência humana, a continuação humana em nossa casa comum.

*Acadêmica do Curso de Pedagogia da FCARP**

“PODE PÁ”

É LEGAL SER DIFERENTE: DIVERSIDADES NO CHÃO DA ESCOLA

Felippe Otavio de Souza Cuyabano*
Wackson Junior Teles de Jesus**



A partir da concepção de uma escola pública cada vez mais marcada pelo acolhimento de estudantes pertencentes aos mais variados grupos sociais, foi desenvolvida uma disciplina eletiva na Escola Estadual João Sato – Escola Plena, que operou suas atividades e práticas pedagógicas, baseadas na perspectiva de um ensino que contemple a complexidade dos comportamentos, interesses e sonhos dos jovens estudantes, ao passo, que também oferece conteúdos curriculares, simultaneamente, a reflexões com profissionais de áreas e cursos acadêmicos diversos.

A referida ação educativa foi nomeada de “Pode Pá” – é legal ser diferente. Diversidade no chão da escola”. Esse nome, desde sua formulação, demonstrou um atento olhar de seus criadores para a conexão da escola com os códigos de convivência do alunado, pois, “pode pá” é uma gíria de afirmação entre os adolescentes e jovens na atualidade, representa concordância com determinada coisa. Desse modo, tal dizer, costuma ser usado nas redes sociais como parte do “internetês” das comunicações trocadas por mensagens de texto e aplicativos de comunicação instantânea.

A opção por este título, bem como todo o conteúdo programático desta disciplina, reflete a necessária aproximação dos saberes escolares com os questionamentos juvenis acerca do caminho formativo a ser trilhado durante seus processos de consolidação no “chão da escola” – espaço mítico da construção de sonhos e enfrentamentos cotidianos desafiadores -, e, sobretudo, no mundo do trabalho pós escolar.

As matérias envolvidas foram Sociologia, Filosofia e Química, o objetivo principal foi demonstrar para os estudantes, que os conhecimentos desta atividade formativa se direcionavam a ampliar o conjunto das aprendizagens curriculares da base comum, e articulá-las com as profissões e cursos graduação por eles pretendidos, sob enfoque da contemporaneida-

de e pluralidade das áreas delas oriundas. Mediante a este contexto, as ações se desdobram por meio da pesquisa de iniciação científica e conversas com profissionais escolhidos pelos alunos, conforme áreas de atuação segundo seus propósitos futuros.

Logo então, foi possível oportunizar a elaboração do conhecimento dos estudantes acerca multiplicidade de formações para o trabalho profissional e projetos de vida, com isso, debater sobre os aspectos da cidadania que contemplam a pluralidade cultural, em face dos valores sociais que fundamentam a vida social dos indivíduos, a variedade da condição humana-biológica que forma os contornos físicos e genéticos, em vistas da percepção que cada indivíduo é único e diverso simultaneamente.

Atividades desenvolvidas se deram em reuniões semanais com os participantes para a pesquisa em laboratório de informática, em busca das profissões desejadas e seus detalhes como notas de corte e universidades; palestras com profissionais atuantes no mercado de trabalho para relato de experiência e sessão de perguntas acerca dos eventuais questionamentos dos alunos; levantamentos de dados por meio de coleta em forma de questionário frente ao universo de alunos da escola; tabulação e análise dos dados coletados para a confecção de gráficos e relatórios de observação dos alunos pesquisadores.

Ao fim, foi apresentado em formato de teatro para toda a comunidade escolar, a culminância e aplicabilidade dos estudos desenvolvidos. Essa disciplina, portanto, se constituiu como um firme ponto de referência para a trajetória escolar dos estudantes, ao tempo em que também ofertou aos seus criadores, um aprofundamento transdisciplinar dos saberes escolares e profissionais.

Professor da FCARP*
Professor da Educação Básica na Escola Estadual João Sato**

CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO NO AMBIENTE DO TRABALHO: UM PARADIGMA CONTEMPORÂNEO NA SEGURANÇA DO TRABALHO

Jefferson Antonione Rodrigues*



Para atender às demandas trabalhistas oriundas da pós-modernidade, as empresas de modo geral, têm investido cada vez mais nas novas tecnologias que, por sua vez, aumentam a produtividade e impulsionam os seus colaboradores junto à busca de novos conhecimentos, afinal, ao mesmo tempo em que a tecnologia proporciona progresso e agilidade, ela proporciona maior competitividade de mercado.

Sendo assim, tem-se que os gestores e os operadores de segurança do trabalho precisam englobar o ambiente de trabalho ao ambiente físico, bem como o modo pelo qual as relações se formam dentro das empresas, inclusive no que tange às suas políticas de comunicação entre os colaboradores. Antunes (2005) afirma que compreender o trabalho é complexo, visto que, requer lidar com sua centralidade para concretização da vida humana associada e sua subjetividade, ademais, exige admitir que, historicamente, ele tem se constituído por meio de movimentos contraditórios entre criação e subordinação, emancipação e alienação, liberdade e escravidão.

Pequenas atividades como, utilizar cores diferentes na pintura do espaço, criar decorações temáticas, instalar mais janelas ou adotar divisórias transparentes que permitam ao colaborador ver o que acontece em outras partes da empresa, e até mesmo do lado de fora, incluir plantas na decoração (inclusive plantas que forneçam ervas, frutas e vegetais, que pode ser utilizado em algum programa de alimentação saudável da própria empresa), utilizar itens inesperados para compor a mobília como bancos feitos de pneus e estantes feitas de pallets (uma demonstração ecologicamente consciente de reutilização) são algumas das possíveis alternativas inovadoras e criativas, impulsionam um maior desenvolvimento e podem prevenir as possíveis doenças características dos ambientes de trabalho repressivos – flexibilidade na organização de espaços.

É comum, junto aos meios corporativos empresariais, o stress que, já se tornou um elemento do ambiente de trabalho tão presente quanto o prédio ou a mobília; assim, tornam-se relevantes a implementação de projetos inovadores e criativos tais como: definir um período do dia para distanciar-se de e-mails e telefones, enquanto dedica-se totalmente

aos projetos que exigem inovação e criatividade; controlar a respiração para reduzir o nível de ansiedade causada pelo stress; sair para uma caminhada fora da empresa; evitar o stress causado pelo drama de outros colegas, ficando longe de conversas e comentários negativos; apostar em brinquedos, jogos e esportes para descarregar as emoções (ajuda muito se a própria empresa oferecer condições para isso) – isso representa tanto para a empresa quanto para o colaborador um ambiente confortável. Importante não confundir um ambiente confortável com um ambiente que mantém os seus colaboradores dentro de uma zona de conforto.

O ambiente de trabalho inovador impulsiona os colaboradores, afinal muitos dos profissionais podem possuir brilhantes ideias e ficarem em silêncio, pois não vislumbram na empresa o ambiente adequado para acolher novas propostas. Isto também pode importar na liberdade no espaço de trabalho, claro que com as devidas proporções, pois a liberdade alimenta a inovação e a criatividade, permitindo que cada colaborador use o espaço da maneira que achar mais adequada, afinal o que impede que um colaborador feche a porta, sente-se no chão ou em um sofá para produzir melhor? Nada impede também a proposição para formação de equipes, pois estas motivam os profissionais à competitividade cooperativa.

(...) uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (OECD, 2005, p. 55).

De forma direta, apresentam-se aqui alguns paradigmas de inovação e criatividade que são hoje um dos maiores desafios das empresas, pois o vislumbrar de lucros toma novos ares, onde a criatividade e as ações inovadoras, junto às novas frentes de trabalho que a tecnologia vem suprindo e criando, potencializam a busca por um ambiente de trabalho não apenas seguro mas também acolhedor.

Professor da FCARP*



Para que eu vivo? – eis a questão fundamental que atinge o coração humano na busca do sentido da vida. Adentrando ainda mais nesta perspectiva: Qual é o sentido da vida? Vale a pena viver, apesar do sofrimento e da morte? Qual o valor da vida diante da dor e das perdas? Onde encontrar a alegria de viver? Tais perguntas da existência humana não podem ficar sem resposta neste artigo, sem querer diminuir sua complexidade abissal.

No desejo insaciável por uma resposta que preencha suas inquietações mais profundas, o nosso tempo é marcado por inúmeras pessoas que sofrem por demasiados conflitos internos, e até mesmo sobrevivem neste mundo com os incômodos trazidos pela síndrome do pensamento acelerado ou pelos males da depressão.

O teólogo alemão Joseph Ratzinger em “Sal da Terra” afirma que “O homem nunca está completamente acabado, mas está sempre a caminho. Tem de voltar sempre a ser ele mesmo. Ele nunca está aí, simplesmente. É sempre livre, e a liberdade nunca está concluída”. Sendo assim, Ratzinger defende o fato de que o ser humano possui uma essência. Esta verdade sobre si mesmo dá ao homem a plena liberdade de viver para fazer-se homem, para prosseguir seu caminho para aperfeiçoar-se no fazer de si, na elaboração de si próprio.

Neste caminho para se fazer homem, este direciona sua vida ao encontro com Deus. A cada passo na busca de si mesmo, em meio aos sofrimentos, descobre no fim que todo ser humano é querido

por Deus. Cada pessoa experimenta no cotidiano de sua existência que não é fruto de um acaso, não é mero acidente, não é indesejado, e muito menos rejeitado, mas é criado, ou seja, sonhado, esperado. Em suma: fruto de um pensamento de Deus. Diz Ratzinger: “Não somos um produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós foi desejado; cada um é amado, cada um é necessário”.

Deste modo, ao encontrar-se com o sentido de sua vida, o homem é chamado e vocacionado a uma vida superior, que ultrapassa o mero fazer nesta existência, e que ganha sentido através de uma meta. Assim sendo, esta vocação superior a que Deus chama cada ser humano, ultrapassa a simples materialidade da existência humana, dando valor a vida, carregando-a de sentido. Contudo, não basta sobreviver, é preciso erguer-se, e deixar-se ser levantado, para livre e alegremente enxergar e viver aquilo que Deus quer, aquilo que Ele sonhou, e espera do homem, tornando a vida cheia de significado relacionado ao projeto traçado por Deus.

Portanto, todo ser humano será sustentado por este sentido: não é o homem que sustenta-se a si mesmo, vivendo num eterno desamparo, em inconstâncias ou incertezas, desespero ou desorientação, mas ele ampara-se na solidez da existência de um Deus que conhece cada pessoa em sua individualidade, que se relaciona pessoalmente e de modo único com cada um, e lhe dá a liberdade de construir sua própria história.

Pe. Thiago Bruno Gonçalo da Silva



Fundação Arco-Iris de Araputanga

FCARP
FACULDADE CATÓLICA
RAINHA DA PAZ